

RESENHA

FOUCHER, Marilza de Melo. **Fragmentos de tempos vividos**. Manaus: Editora Valer, 2020.

Gutemberg Armando Diniz Guerra¹

Conheci Marilza de Melo Foucher como encarregada de missão do Comitê Católico contra a Fome e pelo Desenvolvimento-CCFD, organização não governamental católica francesa que apoiava projetos de agricultores e movimentos sociais em todo mundo e, em particular, na América Latina. Radicada na França desde os anos 1970, permaneceu por lá, embora guardasse profundas ligações com o Brasil. Nascida em Boca do Acre, no Estado do Amazonas, foi instada para fora do país no tempo em que a ditadura endurecia, perseguia e matava seus jovens opositores. Saiu de seu país para se alojar na acolhedora França daquele período de afirmação da juventude e por lá continuou sua militância qualificando-se com a verticalização de sua escolaridade até o doutorado, iniciado no Instituto de Estudos Econômicos e Sociais e finalizado no Instituto de Altos Estudos da América Latina, convivendo com personalidades de seu continente de origem como seu primo poeta e diplomata, saudoso Tiago de Melo, e outros como Jacques Chonchol, o ex-ministro da Agricultura de Salvador Allende que se tornou seu orientador de tese, René Dumont, ex-candidato a presidente da França e um dos pioneiros do debate sobre o meio ambiente, Pierre Salama, Alain Lipietz e outros que se expunham na metropolitana cidade das luzes como o professor Ignacy Sachs, notabilizado pelo conceito de Ecodesenvolvimento que explicitou com clareza.

Deve ter sido muito difícil o trabalho de edição de *Fragmentos* fugir da iconografia que aparece tímida na quarta capa com algumas dessas pessoas cujo reconhecimento dispensa legendas.

Convivi com Marilza durante seis anos, mas não tive acesso nesse período senão à modesta produção de sua obra poética e literária que se desenvolveu e foi mostrada para o público depois dessa vivência mais frequente e ininterrupta com ela cujo contato passou a ser virtual, mas efetivo durante os anos seguintes.

Tive o privilégio de receber o texto em fragmentos, mas com o título original de “curtas histórias”, embora não me parecessem tão curtas por conta da densidade do conteúdo e das ponderações críticas que ela acrescenta em sua narrativa. Tampouco me pareciam fragmentos, porque ela vai se mostrar inteira, sem eira nem beira e com toda a intensidade com que viveu e vive em Paris, para onde se deixa levar e permanecer a maior parte de sua existência.

O texto começa com uma introdução sobre a chegada em Paris, o que marca uma espécie de memórias dos tempos de França. Revela uma rede de relações sociais e políticas que lhe inserem no espaço parisiense de forma respeitosa e digna. Tem ali um marco cronológico e territorial que vai permanecer até o final da narrativa, tendo como principal insumo a própria memória, agora com o refinamento das escolhas e seletividade comum a esse tipo de registro. Merece destaque as relações estabelecidas a partir dos contatos que Thiago de Mello lhe oferece e que ela usufrui seletiva e parcimoniosamente, mas também alguns outros que ela constrói e que se fortalecem como humanos e fraternos, como é de sua índole fazer.

Em uma segunda parte, fala dos amores, primeiro livres, conforme a geração 1968, e depois se consolidando em um casamento formal com um príncipe plebeu, mas de nobreza efetiva d’alma. Prima pela sensibilidade e exposição de uma visão de mundo

¹ Professor associado e aposentado do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará. E-mail: gguerra@ufpa.br.

moderna, negando-se ao erotismo, mesmo que refinado, mas narrando vivências amorosas inspiradas em Sartre e Simone de Beauvoir, o que é uma expressão do que se constituiu como feminismo ou emancipação da mulher no século XX.

O texto é rico em detalhes e retrata magnificamente as condições de moradia do cidadão comum, do migrante jovem que chega para estudar na cidade luz e o comportamento do parisiense nesse período de profundas mudanças comportamentais.

Embora ousado em muitos aspectos da vida pessoal, deixa a entender que tem fatos que são omitidos por conta do possível envolvimento de outras pessoas que seriam expostas na narrativa ou por se resguardar de revelar fatos indesejados de serem mostrados como no trecho em que fala da psicanálise e “outra história!”.

É singela e muito linda a descrição de sua primeira gravidez, a atenção de seu companheiro e a convivência com uma amiga venezuelana que passa pela mesma situação e se irmana no processo de geração de seus filhos. Elas convivem sob o mesmo teto, partilham a atenção do mesmo homem, os cuidados pré-natais e avançam na vida com uma amizade comovente. Ela não cita o nome da amiga, mas sei tratar-se de uma das mais profundas demonstrações do seu conceito de fraternura que permanece incólume.

Os que não dominam o sistema francês de previdência talvez se perguntem e exijam explicações, que poderiam ter vindo em notas de rodapé ou talvez no próprio texto, para esclarecer aspectos como o que seria a *Mutualité*, uma espécie de seguro complementar para os mais precavidos.

A descrição de fatos ocorridos na Europa e na América do Sul deixa uma impressão de olhar cruzado feito por uma mesma pessoa, ora de um continente, ora de outro. Esse cruzamento de perspectivas e percepções se acentua quando ela descreve a relação com seu sogro, o que vai se superando na medida em que ela vai expressando o que define como fraternura. O reconhecimento de diferenças se dá com o crescente respeito dela por ele e vice-versa.

Outro momento importante do diálogo entre diferentes perspectivas se apresenta quando descreve a relação com o dominicano Jean Raguenès, padre operário que se notabilizou com a experiência de autogestão da fábrica de relógios LIP, em Besançon e que se desloca para o apostolado junto a camponeses na Transamazônica. O relato desse encontro com o frei anarquista coloca em relevo as preocupações militantes de Marilza, desde seu encontro com a Comissão Pastoral da Terra e seus ilustres representantes, como Dom Tomás Balduino, bispo de Goiás Velho.

Têm narrativas que adquirem um tom de denúncia, como a das visitas ao sertão de Pernambuco em que ganha dimensão a revelação da corrupção dos coronéis e de um padre. Outras são narrativas engajadas, mas de uma poesia singular no relato de relações com os humildes e minorias como no caso de uma lésbica que trabalhara em um hotel no Rio de Janeiro e que a convidou para um chopp. Afirmando sua heterossexualidade com elegância, Marilza aproveita para fazer uma apologia do respeito à diferença.

O pai assume uma dimensão imensa no texto e a mãe não aparece, o ocultamento vai ser revelado apenas no final do livro. Raras referências a uma madrasta e um ciúme declarado tornam o texto freudiano em algumas passagens em que detalha as características de seu pai. Com ele também, Marilza revela contradições que serão superadas pelo afeto e pelas vivências de militante que ela vai amalhando em sua trajetória de vida.

O texto é fluente, claro, maduro, revelador de uma trajetória que vem, retrospectivamente, da França para a juventude na Amazônia, na versão primeira a que tive acesso com quase nenhum registro da infância, embora na versão editada tenha se projetado o que tenha sido essa menina filha de dono de seringal, político, poeta e escritor fazendo dela uma amazônida assumida, mesmo estando fora de seu habitat natural por

tanto tempo. Ela carrega sua identidade e a defende com unhas, dentes e coração, o que a faz muito próxima da cultura francesa, para a qual, cada canto de origem é centro do mundo. No caso de Marilza, sua identidade franco-amazônica vem como desfecho poético de seus fragmentos de vida juntados como uma colcha de retalhos de lembranças. Essas evocações são acionadas quando leva os sogros Jacques e Jacqueline a conhecer o Brasil, em particular Boca do Acre, passando por Manaus e Maués, em viagem tipicamente ribeirinha, segundo ela, e com muita razão, uma maneira de fazer os seus parentes franceses perceberem o amazônico Brasil profundo.

Se há uma tônica no texto, essa é a de afirmação identitária como brasileira nascida na Amazônia, embora seja densa a demonstração de sua experiência internacional e uma suposta ancestralidade judaica baseada na Espanha.

O caráter militante e engajado da autora se expressa em diversos momentos, mas ganham tintas carregadas na homenagem póstuma a Michelle Mitterrand com quem Marilza teve contatos importantes tanto na França como em viagens ao Brasil.

O livro é um registro importante sobre a vida universitária na França e a inserção de brasileiros nesse universo cosmopolita, mas com características de afirmação territorial que são comuns nos países da Europa Central e denunciam comportamentos provincianos arraigados do primeiro mundo.

Urgente se faz uma edição em língua francesa para que as trocas se efetuem com maior amplitude e recomendo fortemente *Fragmentos de Tempos vividos* à leitura daqueles que pretendam conhecer uma trajetória antropológica de uma brasileira morando em uma das cidades mais cosmopolitas do mundo.

Data de submissão: 18. 01. 2022

Data de aprovação: 01. 04. 2022